

# MUSEU DA PESSOA

## História

### De office boy e a contador.

#### Sinopse

Annibal conta de sua jornada que se iniciou como office boy e acabou por se tornar o fundador do Conselho Federal de Contabilidade

#### Tags

- [Mooca](#)
- [Contabilidade](#)
- [Contador](#)
- [Conselho Federal de Contabilidade](#)
- [Bras](#)
- [Office boy](#)

#### História completa

P/2 - Boa Tarde! R - Boa Tarde! P/2 - A gente queria começar com o senhor falando o seu nome completo, o local e data de nascimento. R - Eu, meu nome é Annibal de Freitas, eu nasci em São Paulo, no dia 15 de janeiro de 1927. Evidentemente me dediquei à Contabilidade muito cedo, passei a ser empresário da Contabilidade em 1946, exatamente no ano em que eu me formei. P/2 - E a sua família? Fala um pouquinho do seu pai, o nome dele, o nome da sua mãe, se possível a origem deles. R - Pois é, meus pais ambos têm origem portuguesa, mas se conheceram aqui no Brasil, se casaram evidentemente, tiveram filhos, dos quais eu sou um deles. Meu pai era do Minho e minha mãe da Beira Alta. Ambos tiveram uma vida trabalhosa, eles hoje já não existem, mas eu tenho muito boa recordação de ambos, porque na realidade trataram todos os filhos com muito carinho e, assim, acima de tudo, deram a eles o que se podia dizer transparência, honestidade. É o que a gente procura cultivar até hoje. P/2 - E da sua família, seus avós, chegou a conhecer seus avós? R - Não, não cheguei a conhecer porque, na realidade, como eu disse há pouco, eles eram originários de Portugal e ambos vieram para cá e deixaram a família por lá. Eu cheguei a conhecer alguns parentes já depois de homem feito, porque eu fui a Portugal conhecer a terra dos meus pais e acabei conhecendo alguns parentes, mas não tive a felicidade de conhecer meus avós. P/2 - E vocês são em quantos irmãos? R - Nós somos em três irmãos. P/2 - Três irmãos? R - É. Dos quais um já foi, já faleceu. P/2 - Conta um pouquinho, para a gente ter uma idéia, da sua infância, como é que foi, entre os seus irmãos? Vocês nasceram em São Paulo, todos? R - Todos, todos nascemos em São Paulo, e todos nascemos na Mooca, no bairro da Móoca. P/2 - Então conta um pouquinho dessa infância. R - É, a nossa infância foi toda ela, assim, como uma família muito modesta, né? E estudamos naqueles antigos estabelecimentos educacionais do governo. P/1 - Como chamava a escola, a primeira escola que o senhor estudou? R - Olha, uma eu lembro que era Oswaldo Cruz. Estava situada na rua da Mooca. (PAUSA) P/2 - Então vamos retomar a questão da escola, porque eu não sei em que parte parou. R - Então nós, como eu disse, nós estudamos naquele grupo escolar Oswaldo Cruz e depois, então, numa questão de determinação governamental, eu, pelo menos, passei para o Alto da Móoca, que era próximo, mas evidentemente ficava mais próximo também da nossa residência. É, com familiares, assim, de uma simplicidade, a gente jogava futebol, brincava e tal. E sempre nos demos muito bem, os três irmãos. P/2 - Tem diferença muito grande de idade? R - Não, não. Eu tenho uma diferença do mais novo de dois anos e tenho uma diferença do mais velho de cinco anos. Porque entre eu e o mais velho havia um outro irmão, que este faleceu muito cedo e, evidentemente, foi esse interregno que houve. P/2 - E brincadeiras de infância, fora o futebol, assim, a casa, tem alguma lembrança, assim, que ficou bem na memória? R - Não, não, a gente, no tempo de garoto, o que que se faz? Se faz traquinagem, como caçar passarinhos, de vez em quando ir na casa dos outros e fazer algazarra. Mas isto são coisas, assim, que isto não é comum. Aliás, não é incomum para mim, é incomum... é comum para toda a garotada, né? Hoje, de vez em quando isso não acontece, que nós vivemos numa cidade mais fechada. No nosso tempo de garoto existia muito terreno baldio. Hoje é difícil você encontrar isso, principalmente dentro do perímetro urbano. P/1 - O senhor se lembra da casa que o senhor morava? R - Lembro, ela existe até hoje. (riso) P/1 - Existe até hoje? E tem curiosidade de entrar nela, de vez em quando? R - Não, a casa que existe a gente reformou hoje, minha mãe morou lá muito tempo, minha mãe faleceu. E essa casa até hoje está lá, nós não ocupamos para nada. P/1 - Pertence à família ainda? R - Hein? P/1 - Pertence à família? R - Ah, pertence sim, pertence à família. P/1 - Interessante, né? R - Mas também ninguém ocupa a casa. Tem ainda algumas coisas da minha falecida mãe lá. P/1 - Sei. R - E meu mano, que é o que mora mais próximo, até hoje ainda mantém, tá? P/1 - Tá certo. R - E a gente respeita isso. P/2 - E como vocês são de origem portuguesa, tem alguma lembrança de alguma comida típica, alguma coisa bem portuguesa? R - Olha, coisa que minha mãe fazia com muito carinho era aquele caldo verde. Isso é típico do português. E o bacalhau, que também é uma outra coisa. Agora minha mãe era uma criatura adorável, ela tinha, assim, uma especialidade para a cozinha fora de série, sinceramente. Deus a tenha em bom

lugar! P/1 - E qual era a atividade do seu pai? R - Meu pai era vendedor. P/1 - Vendedor. Vendedor do que? R - Era vendedor de cerveja. Ele era um daqueles vendedores da Brahma. P/1 - E ele ficava em São Paulo ou ele viajava? R - Não, só em São Paulo. P/1 - Ah, só em São Paulo, a cidade. R - Era uma época, assim, um pouco diferente, que vocês não conheceram. Era um tempo em que essas Companhias, elas tinham diversos vendedores, cujos vendedores transportavam a bebida ou com aqueles carros muito velhos, ou com então uma tropa de animais. P/1 - Olha, que interessante! R - É. Isso a gente vê de vez em quando no cinema, mas naquela época existia, sim, carroças adaptadas para transportar bebida, cerveja em caixa, mas era puxada a animais. P/1 - E sua mãe? R - Minha mãe sempre se dedicou ao lar. P/1 - Ao lar. P/2 - Tomar conta dos pestinhas. P/1 - Tá, então o senhor falou da sua escola, a primeira escola. O senhor fez, até que ano o senhor estudou? R - Eu me formei, por exemplo, no Brás. Como eu morava na Mooca, eu me formei no Brás, na escola Rui Barbosa, Escola de Comércio Rui Barbosa. P/2 - Era escola técnica? R - É, escola técnica. P/1 - Contadores? O senhor foi o único que seguiu essa carreira de contador na sua família? R - Não, os dois manos eram... são contabilistas. P/1 - Também. E o que que fez o senhor optar por essa carreira? O senhor acha que foi uma coisa da família ou porque era uma... R - Não, não, eu acho que foi uma consequência natural da modéstia que preside as famílias mais humildes para fazer uma opção. Claro está de que há opções que você faz, têm outras opções que elas são quase que canalizadas, né? A nossa, por exemplo, eu me formei dentro do ramo da Contabilidade porque gostei disso. Mas tem uma boa parte das pessoas que são encaminhadas para a Contabilidade porque isto era muito mais interessante, era muito mais econômico e, além disso, era uma categoria que chamavam-na de guarda-livros, né? Isso fazia com que houvesse, assim, uma facilidade para que o indivíduo... P/1 - O senhor, quando se formou, era chamado de guarda-livros ou não? R - Não, não. P/1 - Era anterior. R - Era anterior ao nosso tempo. P/1 - Ao seu tempo. R - Mas muito depois de nós nos formarmos, muita gente ainda tinha a mania ou então aquele vício de linguagem de chamar guarda-livros. Mas, na realidade, quando nós nos formamos, já era ou perito-contador ou então contador. P/2 - E o técnico de contador, técnico de Contabilidade, é outro? R - Exatamente. Não, não é outro, não existe outro. O técnico de Contabilidade, depois de 1946, houve uma bifurcação lá, uma dicotomia. Essa dicotomia passou a ser então aqueles que se formaram na Escola de Comércio até 1945 e que ingressaram depois dessa data, passaram a ser técnicos em Contabilidade. E aqueles que estavam no curso, eles tinham o direito de se formar como contadores. Então foi uma dicotomia que aconteceu depois daquela época. Então passou a ter o curso de bacharel em Ciências Contábeis. P/1 - A partir de 45, 46? R - É, 45. Se não me falha a memória, 45. P/1 - E o senhor se formou em que ano? R - Em 46. Mas eu estava dentro daquele direito... P/1 - Direito adquirido. R - Exatamente. P/2 - Ah, certo... E quando o senhor optou...? R - Aliás, depois, mais de um ano depois da nossa formatura, como havia a perspectiva de direito, né, aqueles também conseguiram ainda apostilar o diploma como contadores. P/1 - Entendi. P/2 - E quando o senhor optou pela Contabilidade tinha alguma outra opção em curso, ou não? R - No meu caso não. Eu tinha ou Contabilidade ou comerciante. P/2 - Ah, sim. R - Que eram duas coisas que eu gostava, porque eu tive, assim, um início de vida como balconista. Não como dono, mas eu ajudei minha mãe a tomar conta de um negócio e me dei bem. P/2 - Que negócio era esse, era da família? R - Secos e Molhados, daquele tipo de empório muito modesto, que você ainda encontra hoje no interior. Nós tínhamos isso no Tatuapé. Não sei se vocês conhecem o Tatuapé. (riso) P/1 - Eu conheço, eu já fui até lá. P/2 - E o senhor tinha quantos anos quando começou trabalhar com ela? R - Acho que eu tinha 12 anos. P/2 - Foi bem cedo. E fazia qualquer serviço? R - E inclusive naquela época tinha que carregar aqueles sacos de carvão. P/1 - Carregar peso. R - O cliente precisava e os fogões não eram a gás não. P/1 - Ah, olha aí que interessante! P/2 - Que ano foi isso mais ou menos? (Pausa) R - Deve ser 39, entre 39 e 40. 1939 e 40. P/2 - Então a sua mãe além de cuidar da casa tinha o empório? R - Tinha. Quer dizer, o empório estava em nome do pai, mas ela é que tomava conta. P/2 - Era perto da casa? R - A casa era no fundo, o empório era na frente. P/2 - Ah, então estava tudo na mão. E o senhor trabalhou com ela quanto tempo? R - Três anos. P/2 - Três anos. Fazendo de tudo. E depois o senhor foi para que serviço? R - Aí eu P/2 - De que firma? R - Escritório de Contabilidade Vaucan, se não me engano. P/1 - E ficava aonde? R - Hein? P/1 - Esse escritório era onde? R - No centro da cidade. Rua do Carmo. P/2 - Junto com o trabalho o senhor estudava? R - Ah, sim. Junto com o trabalho eu fiz serviço militar, fiz e estudei. P/2 - E durante essa época o senhor morou sempre com a família? R - Sempre, sempre. P/2 - Só saiu para casar? R - Eu e todos os manos. Nunca saímos debaixo da asa da mãe. P/1 - E o senhor saiu para casar? R - Sim. P/1 - E o senhor conheceu a sua esposa em que época? R - Nesse escritório que eu disse. P/1 - Ela trabalhava também lá? R - Trabalhava lá também conosco, e foi lá que começou a nossa amizade, né? P/1 - E o senhor falou que ela era, ela era contadora também? R - Ela era sim, formou-se exatamente no mesmo ano que eu me formei, só que aqui em outra escola. P/2 - Conta um pouquinho para a gente, que o senhor trabalhava, fazia serviço militar, estudava e namorava, como é que dava para...? R - Não, namorar não dava não. Namorar a gente fazia uma vez por semana (riso) porque era muito... Ela também trabalhava, e além de trabalhar estudava também. Durante a semana não havia possibilidade nenhuma disso. P/2 - Nem no escritório não dava? R - Não, aí era... hoje há uma certa liberdade, mas naquela época não havia essa liberdade. P/1 - Que ano o senhor casou? R - 49. P/2 - E o senhor foi morar onde quando o senhor casou, que bairro? Perto aí da onde o senhor... R - Fui morar perto de onde eu trabalhava, no Tatuapé. É. Primeira residência que eu tive foi ali na cidade Mãe do Céu, não sei se você conhece. É no Tatuapé, na parte superior. P/1 - Sei. R - É. Quem vai ali para a rua Tuiuti, sobe, quando chega ali perto da Praça Silvio Romero, ali é chamado cidade Mãe do Céu. Era, não sei se ainda é. Aquilo está tão transformado, que hoje é uma cidade. P/2 - O senhor teve alguma formação religiosa? R - Formação propriamente dita não. Eu sempre fui católico, fiz minhas comunhões de garoto, depois de um certo tempo ainda fiz comunhão, depois a gente passou a fazer isso uma vez por ano. É, mas continua a ter uma religião católica. P/2 - Agora, esse trabalho que o senhor entrou no escritório, começou como , conta um pouquinho esta trajetória de ir subindo na firma. R - Um escritório, como tudo na vida, quando você entra em alguma coisa e você se dedica pelo que faz, eu tenho a impressão de que isso daí é uma generalidade. Você começa a fazer alguma coisa, se interessa pelo que faz, você progride, . Era uma coisa, a mais humilde possível dentro do escritório, e passei a ter a maior possibilidade de sucesso. E só saí porque depois eu fui trabalhar por minha conta. P/1 - Como é que era o trabalho que o senhor fazia nessa época? Eu estou perguntando porque os tempos mudaram muito. Então que instrumentos, ou se o senhor fazia tudo na mão... como é que era? R - Bom, naquela ocasião não existia computação, para início de conversa. P/1 - Bom, isso com certeza. R - Evidentemente, as máquinas de escrever que nós hoje ainda conhecemos e que já são peças de museu, naquela época ainda não existiam. Por quê? Porque havia uns aparelhos muito complexos para fazer Contabilidade e, evidentemente, todos tinham que se socorrer daquele material, cujo material hoje só serve para museu mesmo. P/1 - O senhor se lembra do nome de alguns desses equipamentos? R - Tinha o , são máquinas que eram pesadíssimas. O primeiro computador que eu conheci era feito por ficha picotada, quer dizer, aquilo era um monstro. Hoje nós temos um computador que nós carregamos embaixo do braço. Nós temos computadores que levamos na mão. P/1 - É, a coisa mudou muito. R - Quer dizer, há uma evolução. Este último decênio que nós tivemos, esta última década, teve uma evolução na tecnologia fora do comum. P/1 - E como que o senhor fez para acompanhar, ou para se ir reciclando e conhecendo as novas coisas? R - Olha, a gente só pode acompanhar desde o momento que você procura estudar e procura se adaptar. Por incrível que pareça, eu estou fazendo um curso. Por quê? Porque eu não posso ficar para trás. Quem parar evidentemente vai ser superado por isso. P/1 - Porque as mudanças nos atropelam, né? A tecnologia. R - Atropelam

mesmo. E toda vez que tem uma palestra, toda vez que existe alguma coisa que eu posso absorver eu procuro fazer isso. Não é por vaidade não, é que eu preciso estar atualizado. Eu sou um empresário e como empresário eu não posso administrar alguma coisa que eu não conheça. P/2 - Certo. Essas máquinas que o senhor falou, o que que elas faziam exatamente, essas máquinas para Contabilidade? R - Elas faziam a Contabilidade, mas não era uma Contabilidade dentro da tecnologia de hoje. Nós tínhamos, por exemplo, calígrafos para fazer Diário, para fazer letra bonita, para fazer títulos. Então hoje você não tem mais essa preocupação. P/1 - Calígrafo era uma pessoa que fazia... R - Não. O contador precisava fazer curso de caligrafia para fazer os títulos da Contabilidade, para fazer um destaque na sua pessoa. P/2 - Era tudo manual? R - O Diário era feito. Você já imaginou os bancos? Não tem mais. Se você começar a raciocinar em termos de passado, você chega à convicção que não há possibilidade de você hoje pensar da forma que você pensaria há 20 anos atrás. A revolução foi tão grande, que não há nem possibilidade de você fazer uma imaginação, ainda que por muito remota e por muito otimista que a gente seja. P/2 - Agora essa formação que o senhor teve de uma outra forma de trabalhar, de uma outra tecnologia, ajuda bastante hoje? Se comparando, por exemplo, com um recém formado em Contabilidade, essa formação que o senhor teve antes ajuda mais? R - Eu não diria que ela ajuda. Ela ajuda porque a vivência que você teve, ela pode ser focada para o presente. Mas o estudante de hoje, ele tem matérias que dá a ele uma gabaritação melhor do que aquela que nós tivemos. Porque ele hoje, quando estuda, ele tem uma planificação de contas toda ela codificada. Ele vai, dentro da faculdade, ele verifica um computador, verifica a possibilidade de treinar no computador, enquanto que eu, com a minha experiência anterior, se eu não me adaptar à situação, fico para trás. Então não sei se eu procurei dar a vocês, assim, uma impressão. Por exemplo, você hoje, dentro da fotografia, vamos passar isso para um outro campo: se você chegar ao ponto de pensar que a fotografia você precisava pôr pólvora ou qualquer coisa lá para fazer aquele rastilho, hoje seria absurdo você pensar isto, não é? Agora vamos admitir que você pegue um fotógrafo daquela época e dê a ele uma aparelhagem de hoje. Você vai verificar que ele vai ter dificuldade. Agora se ele for um indivíduo que seguiu a evolução do tempo e evidentemente também a evolução de toda a tecnologia, eu tenho a impressão de que ele praticamente não vai se sentir uma criatura, assim, fora da sua posição. E é por isso que eu digo a vocês que eu estou fazendo um curso. E eu não precisaria hoje fazer isso, porque eu tenho elementos a quem eu posso pedir para fazer. Mas eu preciso saber, porque quando eu tenho que determinar alguma coisa, eu preciso ter noção do que eu estou dizendo. Senão vou falar uma besteira e o indivíduo é capaz de rir da minha cara. Não é isto que vai acontecer? Então é por isso que eu... P/1 - E quais são as entidades que ajudam essa atualização das pessoas? R - São Paulo é um Estado privilegiado. Eu conheço muitos Estados, eu tive a felicidade de participar de entidades, ainda participo, mas eu posso dizer a você que São Paulo continua a dar exemplos de muita coisa. Dentro da nossa profissão nós temos o Conselho Regional de Contabilidade. Evidentemente tem uma série de cursos em que ele faz isso graciosamente para o contabilista. Então ele dá instrução para alguém sem cobrar nada, porque ele tem uma verba que é compulsória da anuidade. Então ao invés de entesourar esse dinheiro, eles procuram transferir para o contabilista toda uma gama de conhecimento. P/1 - O senhor participa disso? R - Não. Esse Centro de Estudos evidentemente tem sido, assim, uma espécie de escola para muita gente, para aqueles que estão começando, aqueles que são mais antigos passam a orientar e também acabam aprendendo, não é isto? Então tudo isto daqui, evidentemente, faz com que o contabilista tenha uma evolução maior dentro da nossa categoria profissional. Nós temos o Sescon. O Sescon é o Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis. É um outro segmento que também faz isto, também tem uma série de cursos que eles fazem palestras. Nós temos um auditório, que é uma maravilha, em que se reúne um monte de empresários. Nessa eu participo sempre. P/1 - Ah, sei. R - Porque é mais o meu segmento. P/2 - Ah, sei. Então essas entidades, em geral, elas estão preocupadas em fazer com que o contabilista sempre se renove. R - Sempre se renove e sempre se atualize para ele ter, dentro da profissão, o respeito que a sociedade deve ter para com o profissional transparente. P/1 - Certo! R - Todas elas têm essa preocupação, independente da ramificação que ela tenha. P/2 - O senhor falou que participa de uma em específico porque é mais o seu segmento. R - É. P/2 - Que segmentos que têm a Contabilidade hoje? R - Vejamos, nós temos, por exemplo, esse segmento que é o Sescon. Sescon é Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis, Assessoramento, Perícia, Informações e Pesquisas do Estado de São Paulo. Este é um segmento que agrega ou congrega empresários da Contabilidade e empresários desses outros segmentos que eu disse. Nós temos o Ibracon. O Ibracon é um segmento que congrega as empresas ou contabilistas específicos da Auditoria, quer dizer, não é proibido que um outro contabilista que não seja auditor participe, mas especificamente a categoria deles é a Auditoria. P/2 - São especialidades diferentes, né? R - Exato. O Sindicato dos Contabilistas, que eu disse há pouco, que faz essas reuniões semanais, ele também agrega, congrega profissionais liberais e profissionais empregados. Quer dizer, esses que participam dessas reuniões mensais, que eu disse... aliás, semanais, eu retifico, eles evidentemente também têm empresários de Contabilidade. Esses empresários que são autônomos, então eles participam. Passa a ser lá uma espécie de laboratório, porque eles discutem a lei que saiu, qual é o pensamento de alguns daqueles mais ilustrados. Lá eles costumam ter um outro colega, que é advogado, é consultor jurídico, entende de Contabilidade. Então ele tem uma gama de conhecimento melhor do que a maioria e ele procura também orientar dentro desse Centro de Estudos, tá? Nós temos, por exemplo, a Associação dos Peritos Judiciais. É uma Associação, que o próprio nome já diz, ela é específica de peritos. (PAUSA) Então eu estava dizendo sobre a Associação dos Peritos Judiciais, da qual eu já participei também. Essa Associação dos Peritos Judiciais, evidentemente, como a própria denominação diz, ela é de peritos judiciais, ou seja, aqueles peritos que ajudam a Justiça a fazer a sua justiça. Como assim? O perito, evidentemente, é nomeado pelo juiz para fazer peritagem de alguma coisa. E não precisa ser perito somente de Contabilidade não, pode ser um perito engenheiro, um perito médico. Para fazer o quê? Perícias sobre o seu campo de atuação. Ele é nomeado pelo juiz e, à parte, se achar conveniente, pode nomear um perito auxiliar para acompanhar aquilo, para acompanhar o perito do juiz. Então, esse perito vai fazer o seu laudo e esse laudo é anexado ao processo. Baseado nesse laudo é que o juiz vai formar o seu pensamento para fazer a sentença. E independentemente da argumentação que os advogados fazem juntando documentos. O perito só é convocado quando há assunto que dependa de um perito para dar essa opinião. Então vocês verifiquem aí que nós temos, dentro do nosso campo, diversos segmentos. Porque dentro do perito também existe especificamente perito de Contabilidade, que é aquele que tem uma ação trabalhista, precisa fazer os cálculos, precisa verificar o Diário, como é que estava a folha. Então há essa gama de entidades. Mas todas elas, em São Paulo especificamente, elas estão congregadas e, evidentemente, fazem tudo isto dentro de uma espécie de convênio. É um convênio tácito, né? Nós chamamos Entidades Congregadas de São Paulo. É por isso que eu há pouco disse que São Paulo tinha esse privilégio, que outros Estados já quiseram fazer, mas há sempre uma divisão de forças que não há possibilidade de unir. Então é isso que eu poderia dizer com relação às divisões que existem dentro do nosso segmento. Eu ainda esqueci da Audibra. A Audibra é uma entidade de nível nacional que congrega exatamente os auditores internos do Brasil, tá? E, evidentemente, falando em entidade de nível nacional, nós temos a Federação das Empresas de Serviços Contábeis, que atende pela sigla de Fenacon, da qual eu fui o primeiro presidente e fundador, tá? Esta congrega todas as Empresas de Contabilidade, de Assessoria, Perícia, Informação e Pesquisa no Brasil. E nós temos em todo o Brasil, como nós temos o Sescon em São Paulo, temos Sescon em todos os Estados do Brasil, excluindo Paraná e Tocantins que, aliás, Paraná e... tem mais um Estado aí que no momento não me lembro. Mas tem dois Estados em que ainda não temos Sindicato a nível estadual. P/1 - Essa Federação fica em Brasília, essa que congrega

tudo? R - Não, em São Paulo. Como eu fundei, ela é em São Paulo. P/1 - Ah, é porque eu ia perguntar se o senhor morou em Brasília (riso) algum tempo da sua vida! R - Não. Aliás, no estatuto tem qualquer coisa de que ela deve se transferir para Brasília, mas como a força política disso estava aqui ela continua ainda em São Paulo. Depois da nossa gestão vieram mais duas. Estamos na quarta gestão agora e o presidente, por acaso, é do Ceará. O penúltimo presidente era de Brasília. O meu foi aqui de São Paulo e o meu seguidor também era de São Paulo. P/2 - A sua trajetória na Contabilidade, como é que foi? Sempre na mesma linha ou mudou? R - Não, eu, depois que eu saí daquele escritório que eu disse a vocês, que foi onde eu conheci a minha esposa, eu passei a ser empresário de Contabilidade e a minha trajetória foi sempre empresário de Contabilidade dali para diante. P/2 - Certo. E por que que o senhor saiu? Por que não tinha mais o que fazer na empresa ou por outra opção? R - Não, sair não. Sair como? Não entendi. P/2 - Saiu da empresa para ser autônomo? R - Não, eu nunca fui autônomo. Eu sempre fui empresário de Contabilidade. P/2 - Mas o senhor trabalhou nesse escritório? P/1 - Ele montou uma empresa. R - Depois que eu saí do escritório, eu montei uma empresa. P/2 - Então essa saída, por que foi exatamente? R - Não, é que eu cheguei a gerente e depois teve alguém que, achando que eu era dinâmico, não sei, impressão dele, me convidou para ser sócio para montar um escritório. Eu evidentemente não tinha recursos, mas ele disse: "Não se preocupe com isso." Acabei embarcando nessa canoa, achei interessante. P/2 - Que ano foi isso? R - Foi exatamente no ano que eu me formei, 1946. P/1 - E a sua mulher trabalhou em Contabilidade? R - Sempre. Ela funcionava lá nesse escritório, depois ela passou a trabalhar comigo. P/1 - Ah, certo. E o senhor se lembra das pessoas ao longo da sua trajetória, que o senhor possa citar como pessoas importantes dentro da área da Contabilidade, que fizeram alguma coisa importante dentro da evolução? R - Tem, tem muitas pessoas que são dignas de ser... P/1 - Mencionadas. R - O Pedro Pedreschi, por exemplo, foi o primeiro presidente do Conselho Regional de Contabilidade e foi quem assinou minha carteira de contador, foi uma criatura que eu conheci, admirei bastante. Evidentemente são essas pessoas que nos orientam e, além de nos orientar, dão, assim, muito de si para que a gente possa dar uma seqüência na vida. Eu tenho uma grande recordação de Joaquim Monteiro de Carvalho, que foi também, eu diria, foi o meu incentivador para, sei lá, ser uma espécie de líder da classe, que foi o Monteiro de Carvalho que me entusiasmou, quase me obrigou a aceitar algumas posições da classe. Falei de Hilário Franco, não há nem condição de esquecer Hilário Franco. Frederico Herrmann Júnior passou, assim, pela minha frente. Eu tive muito pouco contato com ele, mas foi excelente companheiro, pelo menos no que eu ouvia dos demais companheiros. Tem outros elementos que a gente tem, assim, uma recordação muito grande, porque são entusiastas. Eles podem não ter sido, assim, um exemplo de professores, de mestres, mas são pessoas entusiastas. Juntamente com Monteiro de Carvalho eu conheci Mário Franzolin, conheci Odilon Cunha Lima, pessoas que se dedicaram e foram eles que fundaram o que hoje é uma potência, que é o Sescon. Então essas criaturas, que deram início a um segmento da Contabilidade, merecem a nossa admiração, nossa admiração pela sua capacidade profissional e pelo seu idealismo. Porque se não fosse essas criaturas arrojadas a dizer: "Olha, nós precisamos começar esse segmento", nós não teríamos esse segmento tão forte. O Conselho Regional de Contabilidade, ele começou de quê? De meia dúzia de entusiastas que achavam que a classe precisava ter um registro. Então essas pessoas se reuniam, faziam as suas conjecturas, mostravam seu pensamento para que pudessem incentivar outros a engrossar fileiras. E eu repito: no ramo de empresários de Contabilidade, Monteiro de Carvalho, Mário Franzolin e Odilon Cunha Lima foram uma bandeira, assim como nós demos depois seqüência a essa bandeira e apanhamos essas bandeiras e continuamos. Mas acontece que, na medida em que o segmento cresce em todo o Brasil, nós passamos a ter o respeito da sociedade. Não é só em São Paulo. Hoje nós temos possibilidade de ter diversos companheiros de outros Estados que, se amanhã precisarem de um serviço em São Paulo, terão aqui um representante. Ou então se alguém precisar fazer algum serviço em qualquer Estado da Federação, nós temos possibilidade, por esse conhecimento, por essa troca de informação. Isso é muito importante. P/2 - Como é que é o senhor trabalhando com sua esposa desde antes do casamento? Como é que fica essa relação profissional e particular? Como é que é esse contato? R - É, a pergunta é boa. Logicamente ela tem prós e contras. Tudo na vida é assim, né? O relacionamento que você tem dentro do escritório, nem sempre você tem aquele bom humor. Então precisa que acima de tudo haja tolerância e compreensão. Quando se chega em casa é a mesma coisa. Se não houver tolerância e compreensão, nós estamos errados e certos ao mesmo tempo, quer dizer, a minha verdade não é a sua verdade. Dentro do casal é a mesma coisa. Mas nós conseguimos administrar isso de uma forma razoavelmente boa, tanto é que eu continuo com a minha esposa até hoje, né? P/2 - E continua com a profissão. (riso) R - E ela continua comigo até agora, só que ela hoje não trabalha comigo, há muitos anos. Vieram as filhas, ela passou a se ocupar com as filhas, eu passei a me ocupar com as entidades, com o segmento e acabei, quem sabe, até sendo negligente com a família. Mas ela deu cobertura suficiente para isso e evidentemente eu continuei a ter minha vida profissional. Hoje tenho o respeito de muitos companheiros meus e a minha família, graças a Deus, continua bem, felizmente. P/2 - Essa atuação nas entidades afastou um pouquinho da família? R - Ah, sim. Não só a minha pessoa. Todos aqueles que se dedicam a uma entidade têm que se negligenciar com a família. Não há possibilidade de você tomar conta da sua atividade, porque é onde você ganha o seu pão, você se dedicar a entidades que não lhe pagam nada e você, evidentemente, poder atender a família. É muito difícil você contemporizar tudo isso para dar, assim, uma amenizada em tudo e alguma coisa fica prejudicada. No meu caso a família ficou um bocadinho prejudicada, mas minha mulher deu cobertura suficiente. P/1 - Suas filhas estudaram? R - Uma é psicóloga, outra é contabilista. P/1 - Uma é psicóloga, outra é contabilista. E ela trabalha com o senhor? R - A contabilista trabalha. P/1 - Trabalha. R - Trabalha e trabalha muito bem, graças a Deus. P/2 - Também a relação fica... é dividida a relação, assim, num primeiro estágio, entre casa e escritório, ou às vezes confunde um pouquinho? R - Não, não, eu acho que tem que haver essa divisão, porque se não houver divisão aí pode piorar. P/2 - Ela já trabalha há tempo com o senhor? R - Trabalha. Não, eu acho que quando a gente está no escritório é diferente, o ambiente é outra coisa. E tem que haver essa divisão. Eu tenho um colega, por exemplo, que ele trabalha ele, a mulher e duas filhas e mais o filho, todos dentro do escritório. Você já imaginou se eles não tiverem uma disciplina entre eles como é que vai ser? Então precisa que haja uma separação, escritório é um ambiente de trabalho. P/2 - E quando volta para casa, os problemas ficaram no escritório? R - Tem que ficar, né? Eu acho que você não pode levar os problemas para casa. P/2 - Seus filhos são casados? R - As duas são casadas e as duas têm um filho cada uma. P/2 - Então já é os netos. R - Eu tive duas filhas, hoje tenho dois netos. P/2 - Então o principal motivo da sua esposa para o trabalho com o senhor foi as filhas? R - Foi as filhas, nem tem dúvida. Porque se os dois se dedicassem muito ao trabalho acabam negligenciando e as crianças, quando são pequenas, precisam um cuidado todo especial. P/1 - O senhor tem algum? R - Eu tenho sim, eu procuro ler bastante. O meu é... tem domingos que eu passo o dia todo lendo. P/1 - E o senhor lê para descansar a cabeça ou coisas específicas de Contabilidade? R - Não, é para divagar mesmo. São contos, romances. P/2 - E agora, o vovô, como é que é o vovô agora? R - O vovô continua, assim, meio negligente com os netos. Eu continuo até hoje muito agarrado a entidades. P/2 - Que idade que eles têm? R - Um está com 11 anos e o outro está com 7 anos. P/2 - Dois meninos. R - Dois meninos. P/2 - O senhor teve só as duas filhas? R - Só as duas filhas. P/2 - E o senhor ainda tem algum sonho que deseja realizar? R - Sonho... eu nunca paro, né? Sonho, que poderia ser um sonho? Não, não tenho sonho não. O meu sonho é realmente, sei lá, é meio utópico, né? O meu sonho seria verificar essa nossa terra com gente um pouco mais criteriosa, que tivesse mais responsabilidade, para que o nosso povo fosse menos pobre. E nós temos, vivemos num mundo muito rico, mas esse mundo rico, ele está muito separado, está muito

dividido entre muito ricos e muito pobres, ou mais do que pobres, miseráveis. Se eu conseguisse verificar esse mundo melhor. Não para mim, eu não posso me queixar, Deus me deu uma saúde muito boa, eu tenho tido sucesso na minha vida, mas a gente fica muito triste quando você passa por uma cidade assim, você vê meninos que não pediram para nascer pobres. Ninguém pede para nascer preto, branco, amarelo, ou nascer no Jardim Paulista, ou nascer numa favela. Ninguém pede, não sei porque isso acontece. Então isso é um sonho, todo dia eu peço a Deus. P/2 - Se o senhor fosse contar para um amador que não soubesse nada de Contabilidade, como é que o senhor definiria a profissão de contador? O que que ele faz, em uma linguagem, assim, bem acessível às pessoas que não conhecem a profissão? R - Olha, a sua pergunta é muito difícil de ser analisada e ser respondida. Seria a mesma coisa do que você perguntar a um grande sábio, que nunca teve dificuldade na vida, o que ele poderia imaginar de um indivíduo que nasceu num lugar onde não tem possibilidade, mas de qualquer forma eu vou procurar me encaixar na sua pergunta. Se eu não tivesse nenhuma noção de Contabilidade e me dissessem qual seria a função de um contador, a primeira coisa que eu iria pensar é que ele fosse um contador de anedota, tá? Não iria fazer, assim, uma semelhança entre a pergunta e o objetivo, tá? Isso seria a primeira. Se me dissessem: "Não, é aquela pessoa que fez isto", então eu diria: "Bom, o contador é aquele indivíduo responsável por escrever livros". Seria a pergunta, ou então a reflexão de uma pessoa que não tem maiores esclarecimentos sobre a profissão. Agora se perguntar ao indivíduo que tem uma reflexão natural, eu diria que o contador é aquele, é a bússola de uma empresa, que baseado nos elementos que ele possa dar ao empresário, o empresário pode se guiar para saber se vai ter sucesso ou insucesso. Porque a Contabilidade que é feita pelo contabilista, ela dá uma dimensão do que passou e da projeção do futuro. Como é que nós fazemos uma previsão de alguma coisa? É exatamente olhando no passado, no presente, para projetar o futuro. E eu diria então que o contador é exatamente esse indivíduo, que tem a possibilidade de fazer uma projeção baseada naquilo que ele tem hoje. Por que? Porque é um indivíduo que ele está dentro de uma consequência natural, de uma análise de números. E os números, por incrível que pareça, é aquilo que mais possa nos orientar. P/1 - O senhor gostava de matemática na escola? R - Gostava sim, gostava e gosto. Eu tenho máquina, tenho computador, mas muitas vezes eu somo com a cabeça, para continuar a raciocinar um pouco. Isso é bom, é um exercício que a gente faz, não é não. P/1 - Tá certo. É só a leitura! (riso) R - Leitura, um cinema. P/2 - Agora nos dias de hoje, que muita gente está no sufoco, né, e tem que dar um jeito, você tem que fechar o olho para o número e continuar tocando. Como é que entra a Contabilidade nesses casos, nesses casos talvez de pessoas que estão no limite, né? Como é que a Contabilidade pode ajudar essas pessoas? R - Olha, a Contabilidade, ela pode ajudar as pessoas a fazer uma projeção. Agora se a pessoa não tem capacidade para fazer uma auto análise da sua capacidade de empresário, não há Contabilidade que dê jeito, porque não é a Contabilidade que vai dar jeito a nada. Por que? Porque a Contabilidade é uma ciência e, sendo uma ciência, ela não tem o poder de resolver alguma coisa que o próprio empresário não está querendo ver. Tem empresário que acha que a Contabilidade serve somente para mostrar ao fisco. Não é bem isso. Se nós temos uma Contabilidade empresarial, ela evidentemente pode gerenciar números para dar ao empresário alguma coisa que ele possa se orientar. Agora precisa que o empresário deseje isto. Que não adianta ou não resolve o contabilista fazer gráficos e mostrar para ele as dificuldades que aqueles gráficos apresentam. Ele precisa primeiro ter a visão de comércio, a visão da indústria. Como é que eu diria? Você verifica, por exemplo, que nós tivemos, em épocas passadas, alguns industriais que, sendo semi-analfabetos, chegaram a construir alguma coisa monumental. Entretanto, ele deixaram esse patrimônio para pessoas alfabetizadas, instruídas, formadas e que eles acabaram diluindo todo esse patrimônio. Como é que você explica um negócio desse? É porque aquele anterior, além de ter uma visão muito grande das coisas, ter uma visão privilegiada, ele era, tinha humildade necessária para ouvir, não só o contador, outros conselheiros que pudessem orientá-lo, enquanto que esses estudados achavam que eram donos do mundo e já sabiam tudo e não precisavam de orientação de ninguém. Então precisa que o empresário, acima de tudo, possa desejar entender a explicação, o esclarecimento, os gráficos, os números que o contabilista possa lhe apresentar. E não pensar que o contabilista está lá somente para fazer escrita para atender o fisco. Se nós temos uma Contabilidade gerencial é para exatamente ajudar o gerenciamento da empresa. Agora se as pessoa não aceitam isto e têm uma idéia deformada do que é o profissional, evidentemente, é muito difícil o contador dar aquele jeito, fechar os olhos para isto, fechar para aquilo. Por quê? Porque o contabilista não pode fazer alguma coisa que amanhã possa prejudicar a sua idoneidade profissional. Quem é que vai pedir para o médico fechar o olho para alguma coisa? Agora o erro profissional, isso todos nós estamos subordinados, todos nós somos humanos, agora o erro profissional feito com intenção, este é dolo, este evidentemente pode ser penalizado pelo código de ética, não é? P/2 - Existe alguma diferença entre o termo que o senhor está usando de contador para contabilista? R - Contabilista somos todos nós. O contador é aquele que tem nível universitário, ou seja, o bacharel em Ciência Contábeis. E o técnico em Contabilidade é aquele de nível secundário. Agora todos nós, como profissionais, somos contabilistas, um de nível universitário, outro de nível médio, não sei se dá para entender. P/2 - Dá, perfeitamente. R - Nós temos também outros técnicos e outros formados em outras ciências dentro do campo educacional. P/1 - E durante essa sua trajetória profissional, teve alguns momentos, fatos que ocorreram na economia interferem bastante no seu trabalho, ou momentos mais estáveis, mais instáveis, ou mais difíceis? R - Teve sim, teve, evidentemente nós passamos. Eu diria primeiro que a sua pergunta enseja um esclarecimento, assim, maior. O Brasil ainda é uma criança em razão dos outros países que nós temos. Essa é a primeira colocação. Então, evidentemente, baseado nisto nós temos que dizer que o Brasil passou por diversas fases e essas fases, evidentemente, tiveram perante a sociedade algumas dificuldades. E essas dificuldades, se a sociedade a sente, o contabilista, no meu modo de ver, sem qualquer alusão a minha profissão, ela realmente é a que sente mais. Porque todos esses aspectos econômicos, evidentemente, traduzem alguma dificuldade ou alguma facilidade para a Contabilidade. Veja você, por exemplo, nós temos um aparelho, seja ele do que for, e ele hoje nos custou X na moeda cruzeiros. Depois passamos a ter cruzeiros novos. Evidentemente nós temos que acompanhar a evolução do valor deste aparelho ou deste maquinário, baseado no seu valor intrínseco. Como é que a Contabilidade vai fazer essa avaliação se não tivesse alguns elementos para fazer a correção desse valor? Vocês sabem que a nossa moeda teve uma mudança muito grande, nós tivemos uma inflação no tempo do... a última inflação que nós tivemos no tempo do Sarney, ela chegou a 87%, 87% num mês! Não foi num ano, foi num mês. Quer dizer, então hoje o que nós compramos por um, no fim do mês passaria a ser 1,87. Somente para vocês verificarem a variante da coisa. Quer dizer, então é uma coisa assustadora a variante da moeda. Dentro dessa variante a Contabilidade precisaria acompanhar. E diga-se de passagem que o Brasil foi pioneiro no mundo para acompanhar essa variação da moeda usando a correção monetária, dentro da Contabilidade. P/2 - De tanto que mudou a moeda, né? R - De tanto que ela mudou. Então eu acho que nós, embora seja um país novo, embora nós tenhamos algumas coisas que nos desagradam, a política hoje está cheia dessas coisas desagradáveis. Se nós temos coisas de que nós podemos nos vangloriar é da inteligência do nosso povo, não é? E nós chegamos a conclusões muito boas. E, diga-se de passagem, dentro da nossa profissão a correção monetária, ela passou a ser, assim, uma coisa que pelo menos, embora não resolvesse totalmente, deu para equilibrar muitas vezes o balanço para que outras empresas de fora pudessem acompanhar a mutação da nossa moeda. Não sei se respondi convenientemente a pergunta. P/1 - Nossa! Muito bem! P/2 - Se o senhor fosse escolher a sua profissão de novo, continuaria nessa ou teria alguma outra opção? R - Continuaria sim. Eu adoro também a minha profissão de advogado. P/2 - Exerce também? R - Também exerço. P/1 - Essa parte do senhor não contou para a gente. R - Hein? P/1 - Essa

parte do advogado o senhor não contou para a gente. R - Não, ela não é a minha paixão não. P/1 - Mas o senhor fez uma faculdade de Advocacia? R - Fiz, fiz. P/1 - Que faculdade o senhor fez? R - Faculdade de Bragança Paulista. P/1 - E quando foi que o senhor fez essa faculdade? R - Deixa eu ver, se eu tenho a minha carteira aqui eu vejo. P/2 - Foi depois que fez a de Contabilidade? R - Ah, depois, depois. Contabilidade foi a primeira, depois fiz Advocacia e depois fiz Administração de Empresa. P/2 - Ai fica difícil sobrar um pouquinho de tempo para os filhos mesmo, né? R - Advocacia eu me formei em 72. A minha carteira foi expedida em 14/02/73. P/1 - E essa parte, o senhor atua menos nessa área da Advocacia? R - Muito menos. P/1 - Muito menos. R - Só faço o setor trabalhista, que é aquilo que está mais agregado aos meus clientes. Que, evidentemente, meu cliente, por exemplo, ele tem muito problema com a área trabalhista, então é onde eu procuro... P/1 - Acabou fazendo essas duas faculdades mais como uma complementação? R - Complementação sim. P/1 - Ajuda bastante? R - Ah, se ajuda. O advogado que é contabilista, ele leva vantagem. Eu vou contar uma historinha para vocês. No meu tempo de acadêmico de Direito, nós todos temos que fazer um estágio, tá? A escola obriga. Então no meu estágio de Direito eu fui assistir a uma sessão, para a gente começar a ter noção, assim. Essa historinha não tem que ficar gravada, hein? Mas, então, os dois advogados, era uma ação, um litígio de casamento, era uma separação. Então um dos advogados estava: "Pô, mas o meu cliente vai ter uma nova família, ele não pode dar tudo agora, porque ele vai ter que sustentar a outra família". E naquela discussão, naquela balela entre os dois e o outro: "Não, eu não posso deixar, é um terço que eu preciso e...", né? E o outro não, o outro só queria dar 20% dos ganhos. E ele daria para a mulher que estava separando 20. E o outro insistia: "Um terço." E ele falava: "Um terço." O outro insistiu, deu umas jogadinhas, assim, o cara falou: "Bom, já que o senhor não aceita aquilo que eu estou propondo, o que que o senhor acha se eu der dois quintos?". O advogado do cavalheiro: "Bom, aí o senhor está sendo...". Ele achou que dois quintos era menos do que um terço. Eu percebi a jogada e olhei para o juiz. Eu era estudante de direito, né? E o juiz ficou assim: "O senhor já analisou direitinho?", porque nos dois quintos ele acabou: "Bom, aí é mais razoável, né?" E você já imaginou? Dois quintos são 40%. Um terço é 33,33%, é uma dízima periódica, mas dois quintos são 40%. E o cara acabou concordando. P/2 - Ele não fez nem a conta? R - Não fez, não tem noção do que é, não tem noção do sistema. Então por isso eu acho que o advogado que tem noção de Contabilidade, ele leva vantagem. Então tanto é que, e voltando àquele negócio que vocês me perguntaram há pouco, o Conselho fez um acordo, um convênio com a Ordem e os advogados vão fazer um pequeno curso no Conselho. E concomitantemente os contadores, os contabilistas vão fazer um pequeno ajuste com os advogados para também aprender um pouco do Direito. Então este convênio, este entrosamento entre as categorias profissionais você não vê em outro lugar, é só em São Paulo. P/2 - E a faculdade de Administração de Empresas também foi no mesmo esquema, para ajudar? R - É, sempre é assim, porque você, tendo uma noção do que é administração, você tem mais orientação inclusive para orientar o seu cliente. Você tem uma outra visão de vida, né? Eu acho que é assim, não sei. P/2 - E o senhor está atuando ainda e pretende? R - Até que Deus me dê possibilidade. P/1 - Independente de aposentadoria ou não? R - Independente, eu sou aposentado. Quer dizer, se eu depender da minha aposentadoria, como se diz na gíria, eu tô frito, né? P/2 - Mas nunca pensou assim: "Me aposentei, agora vou fazer outra coisa"? Sempre quis continuar? R - Adoro o que eu faço. E eu tenho sido um administrador não só da minha organização, tenho sido administrador de entidades, fui o fundador dessa Federação, fui vice-presidente até o ano passado. P/2 - É bem atuante? R - Esse Sescon eu fui presidente por quatro vezes alternadas, nunca fui reeleito não, sempre fui alternadamente. Participei da Federação dos Contabilistas durante seis anos, três como vice e três como presidente, fui conselheiro do Conselho Regional de Contabilidade durante uma gestão. P/1 - Bastante coisa, né? P/2 - E sua filha está seguindo também essa atuação? R - Não, não, ela tem que cuidar do filho de vez em quando. (riso) Mas gostaria que ela participasse sim, eu acho que tem algumas mulheres que têm se destacado na profissão. E ela é uma entusiasta, ela gosta do que faz. Mas tem obrigação e a mulher, quando casada, não é a mesma coisa. O marido, de vez em quando, faz restrição, aquele machismo meio estúpido, mas acontece isso. E a mulher casada, com filho, que tem que cuidar de casa, não dá para fazer tudo isso. P/2 - É complicado mesmo R - É meio complicado sim. Eu tenho uma colega que foi presidente do Sescon até o ano passado, ela realmente fez uma administração excelente, eu acho que ela sacrificou muito, mas muito, a vida dela, a vida particular, além de sacrificar a administração da própria empresa dela. Que ela foi muito dinâmica, foi uma presidente excelente. Mas são coisas da vida, é aquilo que você escolhe, né? Ela escolheu. P/2 - E a sua outra filha? P/1 - É psicóloga. R - É, foi o que ela escolheu, ser psicóloga. Não foi de acordo com a minha vontade, mas é o que ela queria, né? Ela sempre pensou nisso, achou que devia ser, o problema é dela, né? P/1 - Seguiu o caminho dela, né? R - Exatamente. P/1 - Bom, gostaríamos de saber se o senhor gostou de ter dado essa entrevista, se ficou alguma coisa que o senhor não falou? R - Não sei, eu não sei se se vocês gostaram do entrevistado, né? Mas de qualquer forma eu acho muito importante que a gente possa deixar uma mensagem de otimismo para os nossos companheiros, para o futuro, isso é muito importante. Eu disse a vocês e vou repetir, eu adoro o que eu faço. E se eu não adorasse tanto o que eu faço, eu não estaria, assim, nessa atividade toda de entidades. Eu tenho me dedicado muito, mas muito mesmo às entidades, passei por quase todas elas. Então isso faz parte do meu eu e é por isso que de vez em quando eu disse, quando ela me fez uma pergunta sobre onde eu participo mais, eu participo no Sescon, foi uma entidade que eu ajudei a crescer e toda vez que tem uma reunião eu estou lá. Mas digo e repito: o nosso Estado dá exemplos magníficos com relação a tudo aquilo que nós tivemos possibilidade de trocar informação. Você não vê isto em qualquer outro Estado não, São Paulo é um exemplo disso. P/1 - Muito bem! P/2 - É exemplo para muita coisa, né? (riso) P/1 - Então muito obrigada! R - Eu é que agradeço essa oportunidade que vocês me dão, porque na realidade vai ficar gravado para o futuro essa nossa entrevista. P/1 - Vai ficar gravado, vai ser transcrito, vai ficar também no banco de dados aqui do Museu. R - É, procurem transcrever somente as coisas boas que eu disse, né? P/1 - Está bom!